



## 5º Congresso de Pesquisa

### **A VOZ DO PROFESSOR: AMBIENTE DE TRABALHO E CONDIÇÕES DE SAÚDE – CONTINUIDADE**

#### **Autor(es)**

REGINA ZANELLA PENTEADO

#### **Co-Autor(es)**

CLÁUDIA GIGLIO DE OLIVEIRA GONÇALVES  
KELLY CRISTINA ALVES SILVÉRIO

#### **Apoio Financeiro**

FAP/UNIMEP

#### **1. Introdução**

Na ação com o ser humano enquanto ser comunicativo, que tem na linguagem o seu instrumento simbólico de relação e mediação com o mundo, de relação social, de ação e transformação sobre a realidade e de constituição da própria subjetividade, a Fonoaudiologia representa uma área importante com potencial para o desenvolvimento da humanização das relações de trabalho e Promoção da Saúde do Trabalhador. Isso se torna ainda mais evidente quando o trabalho em questão envolve processos comunicativos e interacionais que se apóiam nos usos da linguagem oral como, por exemplo, quando o trabalhador depende do uso da voz e da fala para o desempenho da sua função. Dentre os profissionais da voz falada, a categoria docente é a que apresenta maior prevalência de alterações vocais e disfonias (SMITH et al 1997); além de diversos problemas de saúde enfrentados pelos professores, em função do exercício da profissão. Além dos aspectos sociais e daqueles relacionados ao uso da voz, o trabalho docente expõe o professor a outros agentes agressores em seu ambiente de trabalho que podem influenciar a sua saúde vocal e geral, provocando a competição sonora e exigindo maior esforço e demanda vocal do professor. Ambiente com ruidos externo e interno, salas com acústica ruim, muitos alunos em sala de aula, poeira, pó de giz, são alguns dos agentes agressores que podem influenciar negativamente na saúde vocal do professor (OLIVEIRA, 1995). Mesmo sendo a voz o principal instrumento de trabalho dos professores, há ainda ausência de orientação e preparo vocal mínimo referente ao uso profissional da voz na realidade do professor brasileiro (DRAGONE, 1996; RODRIGUES, AZEVEDO, BEHLAU, 1996). Em decorrência disso, é grande o número de pedidos de licença médica e de readaptação de cargos e funções de professores que, deixam de ministrar aulas por problemas de voz (PINTO, FURCK, 1988).

## 2. Objetivos

---

O objetivo deste estudo foi conhecer as condições de trabalho de professores da rede particular de ensino, buscando relações entre elas, saúde e qualidade de vida do docente, e implantar grupos de Vivências de Voz na escola na perspectiva da promoção da saúde e qualidade de vida docente.

## 3. Desenvolvimento

---

A escola que integra a pesquisa está situada na região central da cidade de Piracicaba, tendo à sua volta lojas de comércio, estacionamentos, mercado, bancos, restaurantes e outras. Possui seu prédio distribuído em 3 andares com salas de administração, secretarias, portarias e enfermaria no primeiro andar. O segundo andar é específico para as salas de aula e no terceiro andar estão os laboratórios para as aulas práticas de ciências, geografia, biologia, informática e biblioteca. Os participantes foram voluntários e estavam cientes dos objetivos da pesquisa e leram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Inicialmente participaram 21 sujeitos, entretanto este número não se manteve nas diferentes fases/atividades realizadas. Na primeira etapa do estudo foi realizada a avaliação do ambiente de trabalho do professor quanto a alguns fatores de risco, caracterizando-se em quais condições o professor faz uso de sua voz. Para a ação sobre as vozes dos professores, foram propostos encontros em grupo de Vivência de Voz. Para avaliar o impacto dos grupos de Vivência de Voz sobre as percepções de professores foram realizados Grupos Focais pré e pós-vivência (PENTEADO et al, 2006). Numa segunda etapa, foram observadas as condições de trabalho do professor, durante as aulas, com duração média de 20 minutos. As salas também tiveram seus níveis de pressão sonora mensurados por equipamento Medidor de Pressão Sonora por leitura instantânea portado pela pesquisadora. Na terceira etapa, foram realizados exames audiológicos (audiometria tonal via área e via óssea) e vocais (entrevista, análise perceptual e acústica, e avaliação otorrinolaringológica). Na quarta etapa foram realizados grupos de vivências de voz, com 10 encontros aos professores da escola, em horários pré-estabelecidos pela mesma, de acordo com a disponibilidade dos mesmos, com duração de uma hora cada encontro. Após os grupos de Vivência de Voz, os professores passaram por re-avaliação vocal e os dados serão comparados estatisticamente.

## 4. Resultados

---

Em relação às observações do ambiente de trabalho, na avaliação do ruído em sala de aula encontrou-se uma intensidade sonora média e geral de 73,9dBA. Segundo a NBR 10152/ABNT, é aceitável que o nível de ruído interno de uma sala de aula esteja entre 40 e 50dBA. Se considerarmos que a intensidade da voz humana é, em média, de 65dBA e que a diferença entre o nível de fala e o ruído é responsável pela inteligibilidade das palavras na sala de aula, o ideal é manter esta diferença (sinal/ruído) maior que 10 dB em toda a sala. Neste estudo observou-se que a média de ruído ultrapassou o valor estipulado, além disso, a diferença entre sinal/ruído está abaixo dos 10dB, o que implica em uma competição sonora por parte dos professores, o que pode levar à disfonia e sintomas como cansaço e dor ao falar. A média do nível de ruído em sala de aula desta escola particular também se encontra maior do que a média obtida em estudos realizados em escola pública (LIBARDI et al, 2006). A localização na região central da escola estudada interfere no nível de ruído nas salas de aula da mesma. A pesquisa se iniciou com 21 professores participantes, sendo 14 (66,7%) mulheres e 7 (33,3%) homens, com faixa etária entre 30 e 54 anos. Todos responderam questionário e todos foram observados em sala de aula. Apenas 12 (57,14%) realizaram registro vocal de suas vozes e apenas 5 (23,80%) realizaram exame laringoscópico. Na avaliação auditiva dos professores (total de 6), apesar de todos apresentarem limiares auditivos dentro da normalidade, 2 deles sinalizavam para um entalhe acústico nas frequências altas, característico de dano por exposição a ruído intenso. Todos os professores apresentaram alteração do tipo de voz na produção da vogal /ε/ e na fala espontânea. A rouquidão foi observada em todos (100%) os professores, com algum grau de soprosidade ou tensão laríngea. Esta alteração da qualidade vocal também é pouco percebida pelo professor e é decorrente do ambiente de trabalho no qual está exposto. Na avaliação vocal observou-se que 11 (52,38%) professores apresentaram voz adequada ao ambiente (agradável à percepção da observadora) e 10 apresentaram alteração vocal, sendo voz rouca (14,28%), voz soprosa (4,76%), rouco-soprosa

(14,28%) e hiponanasal (14,28%). De acordo com Behlau (2001), a qualidade vocal rouca é uma característica de quadros de lesões orgânicas na laringe, como vasodilatação, edema, nódulos ou pólipos, resultantes, muitas vezes, de abuso vocal. Dos 13 (100%) professores avaliados na análise perceptivo – auditiva da voz, a rouquidão foi observada em todos (100%) os professores, sendo que 7 (53,84%) apresentaram rouquidão de grau leve e 6 (46,15%) de grau moderado; a soproidade foi observada em 6 (46,15%) professores; a tensão e a instabilidade foi observada em 13 (100%) professores (sendo, em ambos, 4 de grau leve e 9 de grau moderado). O grau de astenia (voz fraca) foi observado na qualidade de voz de apenas 1 (7,69%) professor. A avaliação otorrinolaringológica foi realizada por apenas 5 (23,80%) dos 21 professores. Dos 5 (100%), 4 (80%) apresentaram diagnóstico de alguma alteração vocal e somente 1 (20%) apresentou exame normal. Durante os grupos focais e nas vivências de voz, pode-se observar que um aspecto positivo encontrado na escola particular estudada é o da relação professor/colegas/profissionais, fundada no respeito, consideração, cordialidade, diálogo e na valorização do professor, pela direção, coordenação pedagógica e colegas, além da permanência do quadro docente, com pouca rotatividade - outro ponto favorável para as relações de trabalho que diferencia a escola estudada da realidade encontrada em escolas públicas (PENTEADO e ROSSI, 2006). Já um aspecto negativo importante da escola particular é a insegurança gerada em função de questões financeiras da instituição que colocam em dúvida a estabilidade e permanência do emprego do professor, com ameaças de demissões eminentes. Outro aspecto é o das relações entre educador e familiares que se configuram como um ponto que merece atenção e aprofundamento em estudos futuros, uma vez que as situações comunicativas que aí ocorrem configuram demandas específicas de uso da voz e que tais relações geram sentimentos de insatisfações, frustrações, tensões e conflitos que impactam na saúde e qualidade de vida do professor. A participação dos professores em grupo de vivência de voz possibilitou diversas mudanças na relação dos sujeitos com a própria voz e nas suas percepções. Passaram a relacionar a saúde às situações com os alunos e ambiente de trabalho e puderam perceber, pelas vias auditiva e proprioceptiva, as mudanças, desconfortos e alterações na produção vocal decorrentes do processo de trabalho de modo que melhoraram a atenção em relação à própria voz e aos cuidados de saúde vocal, relacionando queixas e sintomas vocais a aspectos dos cuidados, hábitos e comportamentos de uso da voz, com relatos de impactos positivos na melhoria da qualidade vocal.

## 5. Considerações Finais

---

Os professores apresentam necessidades relacionadas às condições de trabalho e saúde geral e vocal e os grupos de vivência de voz se mostram como espaços importantes para a promoção da saúde do professor. As questões de saúde vocal do professor precisam ser compreendidas de maneira integrada às condições de trabalho e vida docente e afirma-se, neste estudo, a necessidade da Fonoaudiologia atuar junto a professores para a promoção da saúde vocal, expressividade e qualidade do ensino, assim como a melhoria das condições de trabalho na escola e da qualidade de vida dos educadores do ensino privado.

## Referências Bibliográficas

---

1. BEHLAU, M. (org.). **Voz: o Livro do Especialista I**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.
2. DRAGONE, M.L. **Ocorrência de disfonia em professores: fatores relacionados à voz profissional**. São Paulo, 1996. [Monografia – Especialização – Centro de Estudos da Voz].
3. LIBARDI, Aline, GONÇALVES, Cláudia Giglio Oliveira, VIEIRA, Taís Pichirilli Guilherme, SILVÉRIO, Kelly Cristina A, ROSSI, Daniele, PENTEADO, R. Z . O ruído em sala de aula e a percepção dos professores de

uma escola de ensino fundamental de Piracicaba. **Distúrbios da comunicação** 2006; 18(2):167-178.

4. OLIVEIRA, I.B. Distúrbios vocais em professores da pré-escola e primeiro grau. In: FERREIRA, L.P. et al. **Voz Profissional: o profissional da voz**. Carapicuíba: Pró - Fono, 1995, p. 173-181.

5. PENTEADO, R. Z., ROSSI, Daniele. Vivência de voz e percepções de professores sobre saúde vocal e trabalho. **Saúde em Revista**. , v.8 (18), p.39 - 47, 2006.

6. PENTEADO, R.Z.; GONÇALVES,C.G.O.; SILVÉRIO,K. C. A.; ROSSI, D.; LIBARDI, A.; VIEIRA, T.P.A.G. Grupo Focais: possibilidades e aplicações para as pesquisas e práticas fonoaudiológicas. In: **Rev Soc Bras Fonoaudiologia**. 2006; 11 (2): 124-8.

7. PINTO, A.M.M. e FURCK, M.A.E. Projeto saúde vocal do professor. In: FERREIRA, L.P. (org). **Trabalhando a voz: vários enfoques em Fonoaudiologia**. São Paulo: Summus, 1988. p. 11-27.

8. RODRIGUES, S.; AZEVEDO, R. e BEHLAU, M. Considerações sobre voz profissional falada. In: MARCHESAN, I.; ZORZI, J. & GOMES, I.C.D. (ed). **Tópicos em Fonoaudiologia**, vol. 3. São Paulo: Lovise, 1996.

9. SMITH, E.; GRAY, S.; DOVE, H.; KIRCHNER, L.; HERAS, H. Frequency and effects of teacher's voice problems. **J Voice**. 1997;11(1):81-7.